

## NOTAS SOBRE O ÓDIO NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DA LEITURA DE O MAL ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, DE SIGMUND FREUD

*Danielle Ferreira Vasconcelos*

*Terezinha de Camargo Viana*

As concepções freudianas sobre o homem e sua relação com a sociedade permanecem sendo de grande valia para a refletir sobre a sociedade atual. Mesmo com as mudanças do cenário social e com as profundas transformações na comunicação interpessoal, os conceitos freudianos de identificação e de pulsão permanecem sendo de grande valia para a compreensão do comportamento humano em sociedade e das manifestações de ódio, em especial no cenário digital, que possibilita que a fantasia avance diante do isolamento físico entre os comunicantes.

No texto “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905), Freud começa a mencionar o ódio como um sintoma social. O texto diz que os preceitos morais, que têm como intenção conter ou restringir o ódio, possuíam um objetivo inicial de proteção para pequenas sociedades e pequenos grupos, como clãs e tribos. Nesse contexto de pequenos grupos e comunidades, o chiste seria uma alternativa, uma forma de vazão para o ódio ou para a hostilidade do homem (Freud, 1905). Ademais, embora isso ajudasse nas relações mais próximas, não seria o suficiente para conter o ódio pelo estrangeiro ou qualquer pessoa mais distante do “nós” da clã.

Se antes as respostas ao sentimento de ódio se davam apenas a partir de socos, mordidas e chutes, no início do século XX Freud relatava a ponderação com palavras, a possibilidade de se desculpar após um esbarrão (Freud, 1905), o que demonstra a saída

das sociedades primitivas ou canibais para o cenário no qual a linguagem mais apurada permite a saída da agressividade e a sublimação do ódio. Mas esse contexto que coloca regras para proteger os mais próximos da hostilidade permite que o estrangeiro seja odiado e atacado.

Aliás, todos os preceitos morais que restringem a ação do ódio trazem em si, ainda hoje, os mais claros sinais de que originalmente deviam valer para uma pequena sociedade de membros da mesma tribo. Assim como podemos nos sentir todos pertencentes a um mesmo povo, permitimo-nos desconsiderar a maioria dessas limitações frente a um povo estranho. (Freud, 1905, p. 147)

Nos textos freudianos sobre formação de grupo, “o conceito de identificação aparece como categoria central de análise e revela-se como um movimento decisivo no processo de socialização do homem” (Guimarães & Celes, 2007, p. 341). As identificações são mecanismos de defesa que fazem com que uma pessoa se identifique com um grupo e busque incorporá-lo ou destruí-lo. Quando a identificação acontece, ela deixa registros no sujeito sem que exista total consciência sobre isso. Torna-se necessário agir de alguma forma para que essa identificação ganhe destino pulsional satisfatório

A identificação é a ligação afetiva mais antiga na constituição do sujeito, ocupando papel anterior ao complexo de Édipo (Freud, 1920-1923). Quanto mais arcaico é o mecanismo de defesa, mais o sujeito poderá agir a partir dele sem ter exata consciência sobre isso. Ademais, a identificação é desde o início ambivalente, podendo “se tornar tanto uma expressão de ternura como desejo de eliminação” (Freud, 1920-

1923, p. 61). Na identificação, o sujeito transforma o Eu a partir de algum aspecto encontrado no outro.

Esses processos de identificação são componentes relevantes na formação de grupos. A organização grupal é investigada por Freud, partindo do “pressuposto de que há um processo psíquico responsável pelas formações grupais” (Guimarães & Celes, 2007, p. 341). Cabe ressaltar que Freud descarta a ideia de um instinto social inato (Freud, 1920-1923). O homem se organiza socialmente em grupos desde os tempos primitivos, e o fator determinante não seria relacionado tão somente ao instinto, já que o homem escolhe algumas formas de agrupamento ao invés de se agrupar instintivamente. Uma possível resposta para a escolha do grupo é a identificação. É na relação com o outro que o homem percebe sua capacidade de se identificar mais com uma pessoa ou com outra e desenvolver sentimentos como amor e ódio. O ódio é um afeto social; por isso, para compreendê-lo é preciso recorrer aos entendimentos intrapsíquicos e sociais. A libido desempenha papel fundamental na formulação freudiana sobre o comportamento humano e sobre como os afetos sociais podem ser equilibrados. Para Freud, as relações de amor de Eros desempenham papel constituinte também das relações com a coletividade (Freud, 1920-1923). O sujeito concorda com o coletivo, renunciando a necessidades individuais não apenas por uma sugestão do outro, como se fosse possível concordar sem deliberar, mas por uma necessidade de amor que o faz identificar-se com alguém desde antes da formação do superego. A sociedade se funda na renúncia pulsional do homem para viver com seus comuns (Freud, O mal-estar na civilização, 1930-1936).

O membro de um grupo identifica-se com o líder e, em um segundo momento, com os outros membros do grupo. Essa dinâmica é possível à medida que se

renuncia ao seu ideal de ego – uma das dimensões do superego, responsável pelo processo de idealização – em favor de um líder. Os membros de um grupo substituem seu ideal de ego por um mesmo objeto, o líder. O que permite a coesão é a identificação recíproca entre os diferentes egos. (...) A relação com o líder e com os demais membros do grupo é de natureza libidinal, ou seja, cada indivíduo está libidinalmente ligado ao líder e aos outros indivíduos do grupo. (Guimarães & Celes, 2007, p. 343)

A identificação entre membros de um grupo é formadora e mantenedora de comportamentos sociais de massa. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (1920-1923), Freud oferece como exemplo de formação de massa a Igreja e o Exército: “Notemos que nessas duas massas artificiais cada indivíduo se acha ligado libidinalmente ao líder (Cristo, general), por um lado, e aos outros indivíduos da massa por outro lado” (Freud, 1920-1923, p. 49). Ressalta-se, aqui, a importância da figura do líder na Psicologia das massas, figura paterna cuja identificação é fundamental para a manutenção da coesão do grupo.

Os afetos estão presentes nas identificações, sejam eles compreendidos como positivos, como o amor, seja o ódio. Para Freud, “O ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva” (Freud, 1920-1923, p. 49). O ódio ganha destaque quando são realizadas análises sociais sobre culturas, guerras e agrupamentos humanos diversos, porque embora os grupos se formem por laços de afeto, a capacidade de uma pessoa dar fim à

vida de outra é algo que impressiona, e buscam-se explicações para esses acontecimentos a partir da possibilidade de destruir o outro.

Os grupos influenciam os comportamentos individuais e promovem alterações na vida psíquica, sejam eles pequenos grupos como famílias, ou grandes grupos como os religiosos ou de trabalho ou outras instituições. Por vezes, esses registros são percebidos pela produção de sintomas como uma emoção exacerbada, como uma resposta emocional desproporcional a situação vivida e por uma redução na capacidade intelectual (Guimarães & Celes, 2007), que pode ser limitadora para um julgamento adequado.

Também, na dinâmica grupal, verificam-se quadros de regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, como se pode observar em crianças. Qual é, porém, a explicação psicológica dessa alteração mental? O que leva o indivíduo no grupo a apresentar características como a diminuição da capacidade intelectual, a falta de independência, a semelhança das reações, a falta de controle emocional, a valorização das emoções, das ações? (Guimarães & Celes, 2007, p. 242).

“Totem e tabu” (1912-1914) é um livro que colabora para a compreensão do ódio e da agressividade nas relações interpessoais e na psicologia das massas a partir de sociedades primitivas. Ele fala de ações de homens primitivos que possivelmente agiriam mais por seus instintos do que por dispositivos de linguagem. Nessas sociedades, são identificadas algumas formas de organização, em sua maioria, baseadas em totens e tabus (Freud, 1912-1914). O totem é uma espécie de deus que pode ser

simbolizado por um animal; uma figura de adoração ou qualquer elemento que “tem uma relação especial com todo o clã” (Freud, 1912-1914, p. 19). O tabu é uma espécie de barreira ou bloqueio adquirido a partir de uma obrigação imposta de forma transgeracional, e um exemplo é a proibição do incesto.

A relação com o totem é marcada pela ambivalência de amor e ódio, admiração e desejo de destruição. O totem seria algo próprio de um momento anterior às religiões; seria ainda o desenvolvimento de uma autoridade animista. Ademais, é como uma sensação ou uma presunção de que existiria algo superior ou capaz de reger o humano em direção a alguma coisa (transformação para o bem, geralmente com aspirações de algo positivo ou que garanta segurança). Poderia ser a relação do humano com o sol, a lua ou qualquer entidade da natureza que fosse considerada sagrada e transmitida hereditariamente. Segundo o autor, grupos que não possuíam o mesmo totem seriam passíveis de ataques (Freud, 1912-1914).

O totem é superior ao homem, e essa superioridade seria originária da inveja e da fantasia de destruição que seria capaz de causar, no humano, o desejo de vingança ou disputa por poder. Então, a necessidade de obedecer é seguida pelo desejo de rebelião. O homem desde suas relações primitivas com o totem ama e odeia ao mesmo tempo. Freud utilizou a descrição de Darwin da horda primeva para construir o mito fundador da cultura baseado no assassinato do pai, amado e odiado, incorporado para remissão da culpa e ponto de partida para a introjeção do ideal (Rocha, 2012).

Segundo Freud, “As restrições do tabu são algo diverso das proibições religiosas ou morais” (Freud, 1912-1914, p. 42). Os tabus mais antigos e mais amplamente difundidos são o incesto e a instituição da exogamia, o que proíbe o contato sexual com pessoas da mesma tribo; nas sociedades mais modernas, isso é visto na proibição de

relações sexuais com pessoas de mesma família. Há, ainda, outros tabus sociais instituídos até hoje, mesmo com alterações significativas nas relações sociais.

A violação a um tabu resulta, na sociedade, a necessidade de mantê-lo e, por vezes, a consequência é uma superstição atrelada ao tabu. “Eles apenas cumprem como algo óbvio, e estão convencidos de que uma transgressão será punida automaticamente, de forma severa” (Freud, 1912-1914, p. 47). Essa punição automática é uma referência ao caráter sagrado ou misterioso que acompanha o tabu. Embora a origem do tabu seja inconsciente, violá-lo seria perigoso, inquietante para a consciência. Aquele que viola o tabu torna-se o tabu, ou seja, quem viola o tabu começa a ser evitado, perigoso e aviltado, se tornando alvo de distanciamento social, como se romper o tabu fosse algo transmissível de uma pessoa para outra. Não basta vivenciar os tabus, para muitos é necessário ainda imputar os tabus sobre os outros.

A origem de uma consciência moral está ligada aos tabus herdados socialmente. É de grande relevância a compreensão dos tabus e da moral da sociedade para compreender como o ódio se estabelece socialmente como um afeto que visa manter os tabus de forma inconsciente. “O tabu é um mandamento da consciência, sua violação faz surgir um terrível sentimento de culpa” (Freud, 1912-1914, p. 112). O homem, incapaz de realizar seus próprios desejos, alimenta sentimentos de hostilidade em relação a civilização que o obriga a cumprir um pacto de convivência social a partir dos tabus impostos (Freud, 1912-1914). Assim, “A civilização nasce com e pela repressão” (Enriquez, 1999, p. 36). As novas gerações são carregadas de uma moral instituída ao longo das transformações da sociedade, e sem saber o porquê, se vê obrigada a cumprir regras de preceitos morais próprios do desenvolvimento da sociedade.

O comportamento dos homens diante dos totens e dos tabus, desde os grupos primitivos, é relevante para compreender a formação do pacto social e para aprender o quanto o ódio, em seu potencial constituinte, está a serviço da constante construção do pacto que se renova de geração em geração. A exemplo, o contrato social entre os irmãos é o que garante as proibições do incesto e do parricídio (Rocha, 2012) e a manutenção dos tabus.

Em “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1926-1929 ), Freud constata que a origem da moral e do direito na sociedade ocidental é fruto do desenvolvimento da religião judaico/cristã. As imposições religiosas e morais da sociedade se confundem a partir da transferência da responsabilidade da ação dos indivíduos para um outro externo, um deus que, por ser superior ao humano, seria responsável por impor regras sociais que balizam o desenvolvimento da sociedade e obrigam a manutenção da ordem e dos bons costumes. Esse deus dito no texto é um pai mítico, herança do pai primevo da horda, que adquiriu mais poder e superioridade após a consolidação da culpa pelo parricídio. A ordem passa a ser evitar matar o pai simbólico em ações cotidianas.

O banquete coletivo, durante o qual são incorporados as virtudes e os poderes daquele que imaginava possuí-los, é o momento em que o grupo vive um sentimento coletivo, no transe e na excitação, em que cada um pode ver no olhar do outro o mesmo ódio e o mesmo contentamento, se identificar ao outro na medida em que este se torna seu semelhante pela incorporação de uma potência, de uma carne e de um sangue único. O sangue do onipotente corre na veia de todos! (Enriquez, 1999, p. 32)



A crença em um ser superior é norteadora da moral e imposta a toda a sociedade como uma estratégia de normatizar a convivência. A religião, por sua vez, é passada de maneira transgeracional, como tentativa de impor uma autoridade sobre o comportamento do outro e como regularização do desejo e as possibilidades de direcionamento da energia libidinal. Há, por trás da noção religiosa cristã, por exemplo, a ideia de que o instinto do homem o direcionaria ao mal e ao errado e, por isso, a imposição de regras seria a única forma de conter a sociedade e de direcionar ao crescimento e desenvolvimento espiritual (Freud, 1926-1929).

A religião cristã é um exemplo de massa que revela como o ser se comporta enquanto grupo. Nesse contexto, as autoridades religiosas, assim como as autoridades de grupos diversos, são colocadas no lugar do pai primevo (Freud, 1920-1923). Assim, a identificação com um grupo é capaz de fazer com que o humano se aproxime de determinadas pessoas e rejeite um outro grupo, o estranho. É próprio da criação de um grupo a identificação de quem não faz parte dele. Por consequência, o estranho ou estrangeiro assume o lugar de um inimigo comum que se faz a aproximação de uma comunidade. A esse inimigo é destinado o ódio, a hostilidade e a agressividade como forma de eliminar o diferente e se aproximar do que é desejado: o grupo de identificação.

A leitura do texto “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930-1936) possibilita a constatação da frequente insatisfação humana com a dificuldade em lidar com um grupo e com o pacto social que limita as possibilidades de desejo de sua espécie. Ao mesmo tempo, o humano se constitui em relação com o outro e é dependente de sua relação com o social. O equilíbrio entre os limites do desejo em prol do social e a necessidade de relações é constantemente posto à prova, seja em pequenos grupos (como nas

sociedades primitivas), seja no mundo globalizado (interconectado pela ascensão da internet). A tensão da constante insatisfação humana é própria do equilíbrio dos desejos de pulsão de vida e pulsão de morte, que convivem simultaneamente.

No texto “Porque a guerra?” (Freud, 1930-1936), Freud responde a Einstein o porquê do ser humano aderir a guerras de forma cíclica, de tempos em tempo. O estudioso da física busca entender as razões da guerra buscando compreender como o ser humano funciona na percepção de Freud. A resposta freudiana é que a violência e a saída agressiva são respostas animais e incoerentes para pessoas pacifistas, que vêm no diálogo uma alternativa para o conflito de interesses, ainda que sejam uma forma de equilíbrio de suas pulsões latentes. “Nos admiramos apenas de que as guerras ainda não tenham sido rejeitadas mediante um acordo humano universal” (Freud, 1930-1936, p. 432).

A dinâmica é complexa: o homem sente ódio, se culpa por sentir e age em torno de tentar reparar a agressividade de seus sentimentos. A ação reparatória do ódio pode ser direcionada para o próprio Eu ou direcionada para o outro. Nessa segunda opção, o outro se torna o grande alvo de todo o mal que, uma vez negado em si, é projetado para a destruição do outro e preservação de si. Assim, o ódio individual adquire maiores proporções quando percebido por um grupo de indivíduos. A dinâmica do ódio em grupo também parte do mito da relação do homem com o pai, “o nascimento de grupo é inconcebível sem o surgimento correlativo de sentimentos” (Enriquez, 1999, p. 34).

“Eis então o golpe de mestre de Freud: se é o ódio que transforma os seres submissos em irmãos, é seu assassinato que transforma o chefe da horda em pai” (Enriquez, 1999, p. 31). Para elucidação, o ódio vivenciado pelas redes sociais possui peculiaridades, mas enquanto afeto não é diferente do afeto que passa a humanidade por

gerações. Quando o ódio é percebido pela pessoa, ela vivencia fisicamente as sensações desse afeto, mesmo estando distante geograficamente do objeto odiado e sem sequer ter convivido com ele.

Com as redes sociais, o ódio passa a ser manifestado de forma puramente verbal, sem contato físico e, ainda assim, se mantém com grande capacidade para afetar moral e psicologicamente (Bassani & Heidrich, 2008). Declarações de ódio em redes sociais são feitas a partir do envio de mensagens verbais ou por imagens, sendo frequente a utilização do humor para difundir a mensagem. Em geral, são formas de ataque que demonstram algum tipo de agressividade ou ódio contra uma pessoa ou um grupo.

A mudança da manifestação de ódio ou agressividade para um contexto digital não exclui a possibilidade de um retorno à violência física similar aos contextos de grupos primitivos bárbaros. A sociedade continua evoluindo em formas de difundir a comunicação entre pessoas, mas ainda não encontrou uma saída pacífica para dar fim aos conflitos violentos nas relações. O desenvolvimento de tecnologias é o que permite ao homem se expressar de formas diferentes, atualizando os conceitos de barbárie e agressão. A forma de agredir é modificada, mas permanece o desejo de vingança e de destruição do outro.

O ódio, em situações coletivas, foi capaz de promover guerras, genocídios e barbáries. Enquanto sociedade organizada, havia uma sensação de haver virado a página sobre o ódio, “já não havíamos relegado os ódios coletivos aos livros de história e remetido as perversões individuais para os bons psicólogos?” (Glucksmann, 2007, p. 10). A transformação das instituições sociais, políticas e morais não foi o suficiente para que o ódio encontrasse um caminho de sublimação diferente da barbárie e da agressão. Se os povos primitivos mantinham relações de poder baseadas na força e na agressividade, a

sociedade atual permanece da mesma forma, mas com mecanismos que, por vezes, se mostram mais complexos.

A formação de grupos em ambientes virtuais é uma forma de escoar ou extravasar os sentimentos dos indivíduos modernos. O que se tem observado é que o ódio manifesto de forma digital pode ganhar um tom diferente e ir para a violência física. Há, por exemplo, grupos organizados nas redes digitais com esse objetivo. Logo, podemos falar sobre uma nova onda crescente de movimentos que utilizam das redes sociais para criar laços e planejar situações.

Compreendemos, portanto, que os estudos freudianos sobre o ódio continuam úteis para o entendimento da formação de grupos na sociedade contemporânea. A figura do líder muda, mas os grupos se formando a partir da identificação com uma figura que se consolida de maneira mítica. Os sentimentos de amor e ódio continuam sendo decisivos para o Eu se diferenciar do outro e para os grupos se dividirem entre “nós” e “eles”. Enquanto o outro for distante o suficiente para ser visto como algo estranho ao Eu, haverá caminhos para a legalização da morte e da violência para com o outro.

### Referências

- Bassani, P. B., & Heidrich, R. d. (2008). Corpo e tecnologia: um estudo das redes sociais na Web. *Revista Renote. Novas tecnologias de educação.* .
- Enriquez, E. (1999). *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1905). *O chiste e sua relação com o inconsciente.* São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1912-1914). Totem e Tabu. Em S. Freud, *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (pp. 112-244). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920-1923). Psicologia das massas e análise do eu. Em S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926-1929 ). O futuro de uma ilusão. Em S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936). O mal-estar na civilização. Em S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos.* (pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936). Por que a Guerra? Em S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálises e outros textos* (pp. 417-435). São Paulo: Companhia das Letras.
- Glucksmann, A. (2007). *O discurso do ódio.* Rio de Janeiro: Difel.
- Guimarães, V. C., & Celes, L. A. (2007). O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 341-346.
- Rocha, H. d. (2012). Do pai da horda a Moisés: o ideal como articulador entre o sujeito e a cultura. *Boletim de Psicologia*, Vol. LXII, Nº 137: 117-127.